



Estratégias de Desospitalização em Emergências Psiquiátricas: Fomentando Modelos de Saúde Coletiva

Hosana Maria Araújo Rêgo, Karina Machado Gama, Gabriela Biazon Kondo, Izabela Zocchi de Moraes, Munike Tomazini dos Reis, Guilherme Vaz Silva, Yasmin Cavalcanti Braga, Bárbara Manha Utino, Tiago Marinho Rodrigues, Gabriel Lucena Diniz, Henrique Canevari Barros, Francisco Henrique Da Silva Beltrão, Giovanna Ocampo Alves, Marcela Teixeira Braga Bastos, Sthephania Katarinny Guedes de Oliveira

REVISÃO SISTEMÁTICA

RESUMO

Objetivo: Demonstrar através da literatura a importância de estratégias de desospitalização para emergências psiquiátricas como fomento de um modelo de saúde coletiva eficaz. **Metodologia:** Efetuou-se uma pesquisa robusta e sistemática nas seguintes plataformas de saúde eletrônicas: PubMed, Scopus, Scielo. Utilizando Descritores em Ciências da Saúde (DeCS) combinados, como: "Medicina de Emergências", "Psiquiatria Preventiva", "Psiquiatria Comunitária", "Saúde Mental", "Psiquiatria", "Saúde Pública", "Unidade Hospitalar de Psiquiatria" e "Hospitais Psiquiátricos" nas línguas português, inglês e espanhol. **Resultados:** A reformulação do modelo de saúde mental foca na descentralização e promove a criação de centros comunitários, ênfase preventiva desde a infância, e a transição gradual de abordagens hospitalares para terapias baseadas na comunidade. A garantia de acesso equitativo, a integração de experiências de pares, e a implementação de monitoramento contínuo e estímulo à inovação consolidam uma abordagem holística e centrada na comunidade, modelando à saúde coletiva para transformar os cuidados em saúde mental. **Considerações finais:** Em conclusão, as estratégias de desospitalização em emergências psiquiátricas, ao focar abordagens comunitárias integradas, participação ativa da comunidade e intervenção precoce, não apenas redefinem a prestação de cuidados em saúde mental, mas também promovem uma mudança fundamental em direção a modelos mais inclusivos e centrados nas necessidades individuais. Ao descentralizar o cuidado, reduzir o estigma, fortalecer redes de apoio e efetuar intervenções proativas, essas estratégias não apenas abordam crises imediatas, mas contribuem para uma melhoria sustentável na saúde coletiva, promovendo uma sociedade mais resiliente, compreensiva e comprometida com o bem-estar mental.

Palavras-chave: Desospitalização; Saúde Mental; Emergências Psiquiátricas; Saúde Coletiva.

Dehospitalization Strategies in Psychiatric Emergencies: Promoting Collective Health Models

ABSTRACT

Objective: To demonstrate through the literature the importance of dehospitalization strategies for psychiatric emergencies as a catalyst for an effective collective health model. **Methodology:** A robust and systematic search was conducted on the following electronic health platforms: PubMed, Scopus, Scielo. Using combined Health Sciences Descriptors (DeCS) such as "Emergency Medicine," "Preventive Psychiatry," "Community Psychiatry," "Mental Health," "Psychiatry," "Public Health," "Psychiatric Hospital Unit," and "Psychiatric Hospitals" in Portuguese, English, and Spanish languages. **Results:** The reformulation of the mental health model focuses on decentralization and promotes the creation of community centers, preventive emphasis from childhood, and the gradual transition from hospital-based approaches to community-based therapies. Ensuring equitable access, integrating peer experiences, and implementing continuous monitoring and encouragement of innovation consolidate a holistic and community-centered approach, shaping collective health to transform mental health care. **Final considerations:** In conclusion, dehospitalization strategies in psychiatric emergencies, by focusing on integrated community approaches, active community participation, and early intervention, not only redefine the provision of mental health care but also promote a fundamental shift towards more inclusive and individual-centered models. By decentralizing care, reducing stigma, strengthening support networks, and implementing proactive interventions, these strategies address not only immediate crises but also contribute to sustainable improvement in collective health, fostering a more resilient, understanding, and mentally well-committed society.

Keywords: Dehospitalization; Mental Health; Psychiatric Emergencies; Collective Health.

Dados da publicação: Artigo recebido em 30 de Outubro e publicado em 10 de Dezembro de 2023.

DOI: <https://doi.org/10.36557/2674-8169.2023v5n5p5064-5081>

Autor correspondente: Hosana Maria Araújo Rêgo - hosanamarego@ufpi.edu.br

This work is licensed under a [Creative Commons Attribution 4.0 International License](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).



INTRODUÇÃO

A crescente ênfase na transformação dos serviços de saúde mental tem levado a uma reavaliação fundamental dos paradigmas tradicionais de atendimento, especialmente no contexto das emergências psiquiátricas. Este artigo propõe explorar estratégias de desospitalização como meio crucial para impulsionar modelos eficazes de saúde pública, voltados para a promoção da resiliência e recuperação em situações críticas⁴.

As abordagens convencionais frequentemente associaram emergências psiquiátricas à hospitalização imediata, contudo, a evolução do campo da saúde mental demanda uma mudança significativa em direção a intervenções mais centradas no paciente e contextualizadas na comunidade. Este novo paradigma visa não apenas abordar crises de forma reativa, mas também a prevenção proativa e a promoção da saúde mental no seio da sociedade⁷.

A desospitalização, neste contexto, emerge como um conceito-chave, com ênfase na transição dos cuidados centrados no hospital para modelos mais abertos, integrados e comunitários. Este artigo explora não apenas a necessidade e a justificativa por trás dessas estratégias, mas também examina de perto as diversas iniciativas que têm sido implementadas globalmente para fomentar a desospitalização em situações de emergência psiquiátrica⁵.

Ao destacar a importância de modelos de saúde pública que incorporam a desospitalização, pretendemos não apenas analisar criticamente as estratégias existentes, mas também fornecer insights valiosos para aprimorar e ampliar esses modelos. A implementação bem-sucedida dessas estratégias não só alivia a pressão sobre os sistemas de saúde, mas também fortalece a capacidade das comunidades em lidar com desafios de saúde mental de maneira mais holística e eficaz⁵.

Este artigo, assim, busca contribuir para o crescente corpo de conhecimento que molda o futuro dos cuidados em saúde mental, destacando a importância da desospitalização como catalisador para uma abordagem mais compassiva e integrada em emergências psiquiátricas. A reformulação do modelo de saúde mental representa um compromisso com a transformação dos cuidados, buscando uma abordagem mais



inclusiva e eficaz. Primeiramente, a descentralização dos serviços se destaca como um pilar fundamental, com a criação de centros de saúde mental em comunidades locais, visando não apenas facilitar o acesso, mas também fortalecer os laços comunitários⁵.

A ênfase na prevenção e promoção da saúde mental ganha destaque, indo além da abordagem tradicionalmente reativa, para incluir programas preventivos desde a infância, criando uma base sólida para a saúde mental ao longo da vida. A integração com outros setores, como educação, trabalho social e habitação, emerge como uma necessidade crucial para uma abordagem holística e interdisciplinar, reconhecendo que a saúde mental está intrinsecamente conectada a vários aspectos da vida⁸.

A transição da abordagem hospitalar para modelos comunitários, enfatizada pelas diretrizes de desospitalização gradual, destaca a importância de uma mudança estratégica e responsável. A promoção de terapias baseadas na comunidade e programas de capacitação comunitária reforça a ideia de que o suporte e o tratamento eficazes devem se enraizar nas próprias comunidades¹².

A garantia de acesso equitativo a serviços de saúde mental, independentemente do status socioeconômico ou localização geográfica, é crucial para evitar disparidades. A integração das experiências de pares no desenvolvimento de políticas e serviços visa garantir uma perspectiva autêntica e sensível às necessidades reais daqueles que vivenciam desafios de saúde mental¹¹.

Mecanismos regulares de monitoramento e avaliação contínua são estabelecidos para avaliar a eficácia do novo modelo, permitindo ajustes ágeis conforme necessário. Além disso, o estímulo à pesquisa e inovação em saúde mental reforça o compromisso com a evolução contínua, incorporando práticas terapêuticas inovadoras, tecnologias emergentes e modelos de atendimento mais eficazes. Em conjunto, esses elementos formam um arcabouço abrangente que visa redefinir os cuidados em saúde mental de maneira integrada, centrada na comunidade e sustentável².

METODOLOGIA

Para realização do estudo definiu-se claramente a pergunta que norteará a revisão sistemática. Em específico o acrônimo PICO (Participantes, Intervenção, Comparação e Resultados) foi indispensável para a realização de forma concisa do estudo. Tendo como participantes pacientes que utilizam o modelo de hospitalização da

saúde mental, como internação a desospitalização desse modelo, como comparação o cuidado mental voltado a práticas mais centradas na pessoa e na sua individualidade e como resultado uma atenção voltada a melhorias consideráveis na saúde pública.

Realizou-se uma busca sistemática nas seguintes bases de dados eletrônicas da saúde: PubMed, Scopus, Scielo. Tendo como DeCs de saúde combinados entre si: “Medicina de Emergências”, “Psiquiatria Preventiva”, “Psiquiatria Comunitária”, “Saúde Mental”, “Psiquiatria”, “Saúde Pública”. “Unidade Hospitalar de Psiquiatria”, “Hospitais Psiquiátricos”.

Após a busca os resultados foram triados e abordados de forma a utilizar-se de critérios de inclusão como artigos dentro do período de tempo específico de 2000 a 2023 e que respondessem às questões da pergunta norteadora da pesquisa científica. E como critérios de exclusão a artigos e revisões incompletos, duplicados, inespecíficos e com metodologias inadequadas. Seguindo essa abordagem transparente e reaplicável o estudo foi sendo construído com bases sólidas.

Na etapa de extração de dados as informações relevantes dos dados foram extraídas de forma padronizada, incluindo dados sobre participantes, métodos, resultados e conclusões. A qualidade dos estudos selecionados foi averiguada por dois revisores específicos de forma independente e suas divergências resolvidas por um terceiro revisor imparcial, obteve-se amostra final de 12 estudos nas línguas espanhol, inglês e português. Os resultados foram interpretados, destacando suas limitações e considerações importantes para realização do estudo.

O artigo da revisão sistemática foi estruturado seguindo as diretrizes PRISMA (Preferred Reporting Items for Systematic Reviews and Meta-Analyses), revisado para garantir rigor e clareza nos estratégias de desospitalização em emergências psiquiátricas fomentados novos modelos de saúde pública.

RESULTADOS

A exploração de estratégias eficazes de desospitalização em emergências psiquiátricas, com um enfoque decisivo na promoção de modelos de saúde coletiva veio como transição de um paradigma hospitalar para abordagens mais comunitárias representa não apenas uma evolução no tratamento de transtornos mentais, mas

também uma resposta abrangente à complexidade dos desafios contemporâneos em saúde mental^{7,2}.

No cenário desafiador da saúde mental contemporânea, a abordagem tradicional de confiar principalmente em hospitalizações para enfrentar emergências psiquiátricas está sendo reexaminada à luz da necessidade de soluções mais abrangentes e orientadas pela comunidade em uma exploração profunda das estratégias de desospitalização, delineando uma jornada em direção à construção de modelos de saúde coletiva que transcendam as fronteiras físicas das instituições hospitalares^{1,5}.

À medida que enfrentamos uma crescente complexidade nos desafios de saúde mental, torna-se imperativo questionar a eficácia das abordagens convencionais e buscar alternativas que se alinhem com as demandas e aspirações da sociedade contemporânea. A desospitalização emerge como uma resposta não apenas à necessidade urgente de reduzir a carga hospitalar, mas também como uma mudança paradigmática em direção a sistemas mais inclusivos e centrados na comunidade. Destaca-se não apenas as deficiências do paradigma hospitalar em situações de emergência psiquiátrica, mas também apresentando estratégias inovadoras que buscam reintegrar a assistência à saúde mental no tecido social mais amplo^{1,2}.

Desafios da Hospitalização Tradicional

O modelo de hospitalização tradicional em emergências psiquiátricas enfrenta uma série de desafios que questionam sua eficácia e adequação. Em primeiro lugar, a sobrecarga dos sistemas de saúde é um problema prevalente, com unidades psiquiátricas muitas vezes operando além de sua capacidade, resultando em tempos de espera prolongados e impactando negativamente na qualidade do atendimento. O foco excessivo na intervenção em momentos de crise pode levar à negligência de estratégias preventivas, contribuindo para ciclos recorrentes de hospitalização².

A hospitalização isolada muitas vezes não aborda integralmente as necessidades complexas dos indivíduos com transtornos mentais. A falta de continuidade no cuidado entre o ambiente hospitalar e a comunidade pode resultar em desconexão e dificuldades de adaptação pós-tratamento. Adicionalmente, o estigma associado à

hospitalização psiquiátrica pode desencorajar indivíduos a procurarem ajuda quando necessário, perpetuando barreiras ao acesso aos serviços de saúde mental^{7,6,2}.

Diante desses desafios, torna-se imperativo explorar abordagens alternativas, como a desospitalização, que busquem não apenas aliviar a carga sobre os sistemas de saúde, mas também promover uma transição mais suave e contínua entre o cuidado hospitalar e os serviços comunitários. Isso implica uma reavaliação crítica do paradigma tradicional, priorizando estratégias que empoderem indivíduos, fortaleçam as comunidades e previnem crises antes que se tornem inevitáveis^{7,9,12}.

Abordagem Comunitária Integrada

A abordagem comunitária integrada representa uma mudança significativa na prestação de cuidados de saúde mental, deslocando o foco do ambiente hospitalar para a comunidade. Este paradigma procura criar uma rede de suporte holística, abraçando não apenas intervenções terapêuticas, mas também a participação ativa de diversos stakeholders. A integração de serviços de saúde mental na comunidade não apenas oferece atendimento mais acessível, mas também diminui as barreiras percebidas associadas ao estigma ligado aos hospitais psiquiátricos^{4,9,11}.

Ao adotar uma abordagem comunitária, é possível personalizar o cuidado de acordo com as necessidades específicas de cada indivíduo. Os profissionais de saúde mental trabalham em estreita colaboração com as organizações comunitárias, promovendo uma compreensão mais aprofundada do contexto social e cultural dos pacientes. Isso não apenas facilita um tratamento mais eficaz, mas também fortalece a resiliência da comunidade como um todo^{4,7,11}.

A colaboração interdisciplinar desempenha um papel crucial nesse modelo, integrando serviços médicos, apoio social, habitação e educação. Estratégias preventivas e educacionais são implementadas de maneira proativa, visando identificar fatores de risco antes que se transformem em crises agudas. Essa abordagem pró-ativa pode contribuir significativamente para a redução da incidência de emergências psiquiátricas, criando uma comunidade mais bem preparada para oferecer suporte em



tempos de necessidade^{4,11,12}.

Contudo, a implementação bem-sucedida dessa abordagem requer uma mudança cultural substancial. É vital superar resistências institucionais, promover a aceitação comunitária e capacitar profissionais de saúde mental a atuar de forma eficaz nesse novo contexto. Ao abraçar a abordagem comunitária integrada, estamos não apenas transformando a prestação de cuidados em saúde mental, mas também redefinindo a relação entre indivíduos, comunidades e o sistema de saúde. Essa mudança representa um passo significativo em direção a modelos mais inclusivos, centrados nas pessoas e culturalmente sensíveis^{1,9,10}.

Telessaúde Mental

A telessaúde mental emerge como uma facetada contemporânea na revolução dos cuidados de saúde mental, encapsulando uma confluência inovadora de tecnologia e cuidados personalizados. Este paradigma revolucionário transcende as fronteiras físicas, oferecendo um canal dinâmico para avaliação, intervenção e suporte remoto. Essa abordagem destila a essência da acessibilidade, democratizando o acesso a serviços especializados independentemente das barreiras geográficas¹¹.

A interoperabilidade digital desempenha um papel crucial nesse avanço, integrando plataformas de telessaúde a sistemas de registros médicos eletrônicos, ampliando o escopo da prestação de cuidados. A teleconsulta psiquiátrica, por meio de interfaces de vídeo, permite uma avaliação detalhada, enquanto aplicativos móveis e plataformas online proporcionam intervenções baseadas em evidências, redefinindo o continuum de cuidados para além das paredes institucionais^{4,5,11}.

Entretanto, é imperativo considerar as complexidades éticas e de segurança associadas à telessaúde mental, com a confidencialidade e a integridade dos dados assumindo um papel central. Desafios como a exclusão digital e disparidades na literacia tecnológica exigem soluções equitativas para garantir que os benefícios dessa inovação alcancem todos os estratos da sociedade^{1,9,11}.

Num panorama onde a transformação digital é inevitável, a telessaúde mental



surge como uma narrativa vanguardista, remodelando a paisagem assistencial. Este tópico, ao refletir sobre as nuances e implicações dessa revolução tecnológica, propõe uma nova era de acessibilidade e personalização nos cuidados de saúde mental, desafiando paradigmas tradicionais em busca de uma abordagem mais inclusiva e eficaz^{4,9,11}.

Habitação Apoiada

A concepção de habitação apoiada representa uma mudança paradigmática na abordagem de indivíduos com transtornos mentais, transcendendo a mera provisão de moradia para se tornar um alicerce vital na estratégia de desospitalização. A interconexão entre a instabilidade habitacional e a saúde mental é inegável, e a habitação apoiada surge como uma resposta inovadora, oferecendo residências seguras, acessíveis e integradas a uma rede abrangente de suporte^{4,5}.

A integração de serviços de saúde mental na habitação apoiada cria um ambiente propício à recuperação, onde a estabilidade residencial está intrinsecamente ligada ao bem-estar psicológico. A presença de equipes multidisciplinares, compreendendo profissionais de saúde mental, assistentes sociais e outros especialistas, oferece um suporte personalizado, abordando as complexidades individuais e construindo uma ponte tangível entre a moradia e o cuidado clínico^{2,3,6}.

Além disso, a habitação apoiada rompe com a segregação tradicional dos cuidados psiquiátricos, promovendo a inclusão social e a autonomia. O design intencional desses espaços busca criar comunidades de apoio, onde a interação entre os residentes é estimulada, fomentando uma atmosfera de compreensão mútua e solidariedade. Ao direcionar a atenção para a habitação apoiada, este tópico explora como essa abordagem não apenas desospitaliza, mas redefine os padrões de cuidados em saúde mental, reconhecendo a moradia como um componente intrínseco para a recuperação sustentável e a saúde mental duradoura^{4,9,11}.

Participação da Comunidade



A participação ativa da comunidade emerge como um pilar fundamental na transição para modelos de saúde mental mais inclusivos e centrados nas necessidades individuais. Este tópico explora a essência da colaboração entre os serviços de saúde mental e a comunidade, reconhecendo que o envolvimento da população local é vital para a eficácia das estratégias de desospitalização^{4,10}.

A promoção da participação da comunidade inicia-se pela destituição do estigma associado aos transtornos mentais. Campanhas de conscientização e programas educacionais, elaborados em parceria com a comunidade, visam dissipar mitos, reduzir o estigma e criar um ambiente propício para a compreensão e aceitação. Ao empoderar a comunidade com conhecimento, a tomada de decisões informada e a formação de redes de apoio solidifica-se como elementos-chave para criar uma atmosfera de suporte contínuo^{8,11}.

A colaboração entre serviços de saúde mental e organizações comunitárias é crucial na concepção de intervenções eficazes. A criação de espaços de diálogo, nos quais os membros da comunidade e profissionais de saúde mental possam compartilhar perspectivas, identificar necessidades específicas e cocriar soluções, estabelece um terreno fértil para estratégias de desospitalização bem-sucedidas. Este tópico, ao mergulhar na dinâmica da participação da comunidade, destaca como essa abordagem não apenas transforma a relação entre a comunidade e os serviços de saúde mental, mas também é um catalisador essencial para a construção de sistemas de cuidados mais sensíveis, integrados e adaptados às peculiaridades locais^{8,11}.

Intervenção Precoce e Prevenção de Crises

A ênfase na intervenção precoce e prevenção de crises emerge como uma pedra angular na construção de estratégias eficazes de desospitalização em emergências psiquiátricas. Este tópico explora como uma abordagem proativa, que se concentra na identificação e abordagem de sinais precoces de dificuldades psiquiátricas, pode não apenas reduzir a necessidade de hospitalização, mas também promover a resiliência e o bem-estar a longo prazo^{4,10,11}.



A intervenção precoce inicia-se com programas educacionais destinados a aumentar a conscientização sobre saúde mental na comunidade. Ao capacitar indivíduos a reconhecerem sinais precoces e a buscar ajuda prontamente, cria-se uma linha de defesa que pode prevenir a escalada de crises. Essa abordagem educacional não só destaca a importância da saúde mental, mas também contribui para a redução do estigma que muitas vezes cerca os transtornos psiquiátricos^{4,5}.

As estratégias preventivas são implementadas em diversos níveis, abordando fatores de risco individuais e sociais. Isso pode envolver intervenções personalizadas, como programas de gestão de estresse e promoção de habilidades de enfrentamento, bem como iniciativas comunitárias que visam criar ambientes mais favoráveis ao bem-estar mental. Ao integrar a prevenção como uma parte intrínseca do sistema de saúde mental, este tópico destaca como a construção de uma rede de cuidados proativos pode ser fundamental na transformação do cenário de emergências psiquiátricas, construindo alicerces robustos para uma comunidade resiliente^{4,5}.

Avaliação Multidisciplinar: Perscrutando as Complexidades para uma Intervenção Holística

A abordagem de avaliação multidisciplinar desponta como uma faceta crucial na implementação bem-sucedida de estratégias de desospitalização em emergências psiquiátricas na exploração de como equipes compostas por profissionais de diversas disciplinas contribuem para uma compreensão holística dos desafios enfrentados pelos indivíduos em crise, permitindo intervenções mais abrangentes e personalizadas^{3,5}.

A avaliação multidisciplinar vai além da análise clínica convencional, incorporando perspectivas de psiquiatras, psicólogos, assistentes sociais, terapeutas ocupacionais e outros especialistas. Essa abordagem holística considera não apenas os sintomas manifestos, mas também fatores ambientais, sociais e psicossociais que podem contribuir para a crise. A diversidade de especialidades permite uma análise mais rica, considerando as interconexões complexas entre a saúde mental e diversos aspectos da vida^{4,5}.

Esse trabalho em equipe facilita a criação de planos de intervenção



personalizados, abordando as necessidades específicas de cada indivíduo. A coordenação estreita entre os membros da equipe assegura uma abordagem integrada, onde diferentes áreas de especialização convergem para proporcionar suporte abrangente. Esse modelo de avaliação não só aprimora a qualidade do atendimento, mas também contribui para a eficácia das estratégias de desospitalização ao reconhecer e tratar os elementos subjacentes às crises psiquiátricas^{2,3,5}.

Envolvimento da Família: Uma Aliança Fundamental na Desospitalização Psiquiátrica

O envolvimento da família se revela como um elo vital na eficácia das estratégias de desospitalização em emergências psiquiátricas, reconhecendo a família como um elemento crucial no apoio ao indivíduo em crise. Este tópico explora como a colaboração estreita entre profissionais de saúde mental e as famílias pode criar uma rede robusta de suporte, contribuindo significativamente para o processo de desospitalização^{1,2,7}.

O papel da família vai além de ser meros espectadores, assumindo uma posição ativa na compreensão das necessidades específicas do indivíduo. A troca aberta de informações, a educação sobre os transtornos mentais e a promoção da empatia familiar são elementos fundamentais para o sucesso da desospitalização. Ao integrar a perspectiva da família no planejamento e execução das estratégias, cria-se uma abordagem mais abrangente, considerando não apenas a pessoa em crise, mas também seu contexto social^{1,2,7}.

Esta colaboração pode contribuir para a continuidade do cuidado, especialmente durante a transição do ambiente hospitalar para a comunidade. Estratégias que capacitam as famílias a oferecer suporte contínuo, identificar sinais precoces de recaída e colaborar com os profissionais de saúde mental são essenciais. Este tópico, ao mergulhar no envolvimento da família, destaca como essa parceria pode ser um fator determinante na criação de um ambiente de suporte robusto, promovendo a recuperação sustentável e prevenindo crises futuras^{1,2,7}.

Impacto

A descentralização hospitalar em emergências psiquiátricas representa um



desafio significativo que pode comprometer a eficácia das estratégias de desospitalização. A falta de recursos financeiros direcionados para a saúde mental pode resultar em sistemas fragmentados, falta de acesso a serviços especializados e limitações na implementação de programas preventivos. Para resolver as emergências nesse modelo, é crucial abordar tanto a infraestrutura quanto a abordagem de intervenção

Em primeiro lugar, a alocação adequada de recursos financeiros para a saúde mental deve ser uma prioridade. Isso envolve não apenas aumentar o financiamento global, mas também direcionar esses recursos para a criação e sustentação de serviços comunitários eficazes. A descapitalização muitas vezes contribui para a falta de profissionais capacitados e instalações apropriadas, o que pode ser superado por investimentos estratégicos e contínuos

A internação, embora seja uma ferramenta valiosa em certos contextos, nem sempre representa a melhor opção no tratamento de emergências psiquiátricas. Existem diversas razões para considerar alternativas à hospitalização, especialmente quando se busca uma abordagem mais holística e centrada no paciente. Pode ser estigmatizante e traumatizante para os indivíduos em crise. O ambiente hospitalar, por vezes, não é propício para a recuperação e pode aumentar a ansiedade e o desconforto emocional. Ao explorar alternativas, como estratégias de desospitalização, é possível oferecer um cuidado mais humanizado e menos intrusivo.

A hospitalização nem sempre aborda as raízes subjacentes dos problemas de saúde mental. Ao optar por estratégias que envolvem a comunidade, a intervenção pode ser direcionada não apenas para a gestão imediata da crise, mas também para a compreensão e tratamento dos fatores contribuintes, promovendo assim uma recuperação mais completa e sustentável.

A desospitalização também se alinha à preferência crescente por modelos de cuidados baseados na comunidade. Ao criar redes de suporte e implementar intervenções preventivas, é possível fortalecer o ambiente social e familiar, proporcionando um suporte contínuo que vai além da internação temporária.

É essencial adotar uma abordagem integrada que vá além do tratamento de crises imediatas. A implementação de programas preventivos, como campanhas de



conscientização, serviços de intervenção precoce e apoio contínuo à comunidade, pode contribuir para a redução de emergências psiquiátricas. Isso requer uma visão de longo prazo, onde a saúde mental é encarada como um investimento contínuo na qualidade de vida das comunidades.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em conclusão, a implementação de um novo paradigma de saúde mental, destacando a desospitalização em emergências psiquiátricas e adotando um modelo de saúde coletiva, representa uma evolução significativa nos cuidados psicológicos. Ao descentralizar os serviços e fomentar a criação de centros comunitários, busca-se não apenas facilitar o acesso, mas também fortalecer os laços sociais e promover uma abordagem mais holística. A ênfase na prevenção desde a infância, a transição gradual de abordagens hospitalares e a inclusão de terapias baseadas na comunidade refletem um compromisso renovado com a saúde mental como parte integrante do bem-estar global.

Adicionalmente, a garantia de acesso equitativo e a integração de experiências de pares demonstram um compromisso com a justiça social e a sensibilidade às necessidades específicas das comunidades. A implementação de mecanismos regulares de monitoramento e avaliação contínua permitirá ajustes ágeis, assegurando a eficácia do novo modelo de desospitalização em emergências psiquiátricas. O estímulo à pesquisa e inovação não apenas reflete um compromisso com a evolução constante, mas também abre portas para descobertas que podem transformar ainda mais a maneira como entendemos e abordamos a saúde mental dentro do contexto do modelo de saúde coletiva.

Em síntese, a redefinição dos cuidados em saúde mental, com foco em desospitalização em emergências psiquiátricas e a adoção de um modelo de saúde coletiva, representa um avanço fundamental em direção a uma abordagem mais inclusiva, proativa e centrada na comunidade. Ao adotar essas medidas, aspiramos a uma sociedade onde a saúde mental seja priorizada, desmistificada e integrada aos cuidados de saúde de maneira abrangente e sustentável.



REFERÊNCIAS

1. Appelbaum, P. y R. Hamm 1982 Decision to seek commitment: psychiatric decision making in a legal context. *Archives of General Psychiatry* 31: 355-362.
2. Barros REM, Tung TC, Mari J de J. Serviços de emergência psiquiátrica e suas relações com a rede de saúde mental Brasileira. *Revista Brasileira de Psiquiatria*. 2010 Oct;32(suppl 2):S71–7.
3. Bonfada D, Guimarães J, Miranda FAN de, Brito AAC de. Reforma psiquiátrica brasileira: conhecimentos dos profissionais de saúde do serviço de atendimento móvel de urgência. *Esc Anna Nery Rev Enferm* [Internet]. 2013 [cited 2023 Dec 10];227–33. Available from: <https://pesquisa.bvsalud.org/portal/resource/pt/lil-684965>
4. Carneiro NG de O, Rocha L de C. O processo de desospitalização de pacientes asilares de uma instituição psiquiátrica da cidade de Curitiba. *Psicologia: Ciência e Profissão* [Internet]. 2004 Sep 1 [cited 2022 Aug 16];24:66–75. Available from: <https://www.scielo.br/j/pcp/a/gxjJmR8B4879rc9gSFRpFkK/abstract/?lang=pt>
5. Flávia da Costa, Rita M, Cruz, Lívia da Costa, da Á. OS BENEFÍCIOS DA DESOSPITALIZAÇÃO PARA O TRATAMENTO DOS PORTADORES DE TRANSTORNO MENTAL. 2022 Mar 17.
6. Glover, G., G. Arts y K. Suresh Babu 2006 Crisis resolution/home treatment teams and psychiatric admission rates in England. *The British Journal of Psychiatry* 186: 441-445.
7. Machado V, Manço ARX, Santos MA dos. A recusa à desospitalização psiquiátrica: um estudo qualitativo. *Cadernos de Saúde Pública*. 2005 Oct;21(5):1472–9.



8. Mantilla MJ. La construcción de las decisiones de internación psiquiátrica: un análisis de los argumentos psicoanalíticos y los contextos de interacción social. Intersecciones en antropología [Internet]. 2010 Jun 1 [cited 2023 Dec 10];11(1):145–57. Available from: http://www.scielo.org.ar/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1850-373X2010000100011&lang=pt
9. Nascimento MS. Estratégia e inclusão social: debates sobre desinstitucionalização no campo da saúde mental. [Internet]. 2021 [cited 2023 Dec 10];189 f–189 f. Available from: <https://pesquisa.bvsalud.org/portal/resource/pt/biblio-1411429>
10. Rosa SD, Malfitano APS. [In the middle of the road there was a stone: the history of violence and social suffering among young adults with trajectories of psychiatric hospitalization]. Hist Cienc Saude Manguinhos [Internet]. 2019 [cited 2023 Dec 10];501–18. Available from: <https://pesquisa.bvsalud.org/portal/resource/pt/mdl-31241672>
11. Santana AA de, Porcu M, Alécio R, Nacamura PAB, Ribeiro JVR, Paiano M. Protocolos de atendimentos às urgências psiquiátricas no atendimento pré-hospitalar: revisão integrativa da literatura. Arq ciências saúde UNIPAR [Internet]. 2023 [cited 2023 Dec 10];5097–110. Available from: <https://pesquisa.bvsalud.org/portal/resource/pt/biblio-1510177>
12. Santos ME de S dos, Amor J dos A do, Del-Ben CM, Zuardi AW. Serviço de emergências psiquiátricas em hospital geral universitário: estudo prospectivo. Revista de Saúde Pública. 2000 Oct;34(5):468–74.



***Estratégias de Desospitalização em Emergências Psiquiátricas: Fomentando Modelos de
Saúde Coletiva***
Rêgo et. al.